

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

IV SEAD - SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO
1969-2009: Memória e história na/da Análise do Discurso

Porto Alegre, de 10 a 13 de novembro de 2009

ALÍNGUA: CAUSA DO QUE FALHA NA ESCRITA DO BEATNIK PÓS-MODERNO

Elzira Yoko Uyeno

eueno@uol.com.br

Universidade de Taubaté (Unitau)

Introdução

Prosseguir a “aventura teórica” de Pêcheux, procedendo à abordagem do equívoco sob o reconhecimento da existência do real da língua, mobilizou este estudo. A *alíngua* que se insurge na escrita de um “chapa”, aquele que oferece, ao longo de auto-estradas, seus serviços como carregador de caminhões é o objeto de pesquisa.

Analisar o discurso desse *beatnik* excluído, compelido a repetir o ato de “cair na estrada” e escrever para ser salvo, como fizera Jack Kerouac, que se imortalizou como o representante do que se chamou Geração *Beat*, constitui o horizonte da pesquisa. Mais especificamente, a partir do pressuposto do estabelecimento de uma relação indelindável entre escrita e subjetividade, analisou-se a manifestação da *alíngua*, enquanto via régia para o real, na escrita alheia a espaços formais de educação de um ajudante de caminhoneiros.

1. “Chapas” e beatniks: pé na estrada e mão na vida

Para além de seu significado de deslocar-se espacialmente de uma cidade, estado ou país a outro, por motivações privadas, lazer, estudo ou trabalho, este estudo analisa o termo viajar sob o sentido atribuído pelos que são compelidos a viajar sem precisamente um objetivo pré-estabelecido, o que inevitavelmente remete aos *beatniks* americanos que ganharam adeptos no mundo. Destituídos da aura de doces rebeldes de que se revestem os *beatniks*, em algumas auto-estradas, encontram-se os “chapas”, trabalhadores que exercem a atividade de carregar e descarregar caminhões e que igualmente são compelidos a viajar sem um destino pré-estabelecido. Eis o eixo que catalisa *beatniks* e chapas.

Embora os termos Geração Beat e *beat* tenham sido, desde a década de sessenta, usados para descrever o movimento literário anti-materialista iniciado por Jack Kerouac, em 1948, ficaram ligadas à imagem de mochileiros, caroneiros excêntricos que vagavam pelas estradas .

Em "Aftermath: The Philosophy of the Beat Generation" (1958), Kerouac questionou o que julgou constituir a distorção das suas ideias, sobretudo a de ter incitado a juventude americana “a vadiar e a pedir boleia em todo o lado, esfarrapada, beatificada, bonita de uma nova forma graciosamente feia”. Argumenta que colheu a palavra "beat", redução da expressão "beaten down", significando oprimido, rebaixado, não a tomando literalmente, mas expandindo-a para excluído, mas tomado de intensidade.

Diante de uma família religiosa que nunca se conformou com a morte prematura de seu enfermo irmão mais velho, Kerouac, assumiu para si uma espécie de culpa que o atormentou por ter-lhe sobrevivido. Tendo concluído o colégio e tendo que escolher uma universidade, não conta aos pais o desejo de escrever e o confessa ao padre da paróquia onde fora batizado, o qual o encoraja sob a percepção de que esse desejo era carregado de culpa: passou, então, a escrever para não morrer. William Burroughs (1971, apud BUIN, 2007), outro integrante do grupo que também escrevia, solidário ao sofrimento de Kerouac em não conseguir superar o determinismo familiar e apresentar anseios suicidas, sobre ele escreve: “Sentia-se que ele escrevia todo o tempo, que a escrita era única coisa na qual ele pensava. [...]A única coisa verdadeira para um escritor é o que ele escreve, e não sua pretensa existência”.

“On the Road”, publicado em 1957, tornou-se um clássico e colocou Kerouac no panteão dos grandes escritores norte-americanos, e a América nunca mais seria a mesma pela subversão da ordem social do país, pela alteração do imaginário relativo a viagens e pela atribuição de um novo *status* a marginais e vagabundos. Engajando-se à marinha mercante e sendo, logo em seguida, reformado por motivos psiquiátricos, começa a consumir álcool e anfetaminas e inicia, em 1947, as seguidas viagens de carona pelas quais se imortalizou até seu falecimento em 1967 (BUIN, 2007).

Esse sujeito “on the road” tem sua versão brasileira e contemporânea na pessoa dos “chapa”. Embora o Ministério do Trabalho regule sua ocupação sob o número 7832-15, como Carregador de veículos de transportes terrestres, a atividade dos chamados “chapas” é informal e vista, social e profissionalmente, com reservas. “Seu escritório é na estrada e seus clientes são caminhoneiros que precisam de ajudinha especial para carregar e descarregar mercadorias pesadas, além de um guia para os motoristas se encontrarem nos labirintos das grandes cidades”, tão precisamente descreve Aline Feltrin a função do chapa na sua prática (FELTRIN, 2008).

São em sua maioria desempregados que se arriscam nessa atividade, dados os riscos que envolvem a atividade dos carreteiros que têm sido alvos de roubos de cargas, o que, num círculo pernicioso, têm restringido suas “contratações”, sob receio de roubos de cargas por eles.

Segundo Feltrin (2008), embora não se tenham registros de roubos de cargas cometidos por essa categoria, tem sido sugerido aos carreteiros que se dirijam a postos de combustíveis, onde podem

receber indicações de chapas conhecidos. Os chapas, pelas mesmas razões que movem os carreteiros, também preferem oferecer seus serviços nesses estabelecimentos, embora haja aquele que têm preferido ficar em algum ponto da estrada, para evitar a concorrência em tempos de crise econômica.

Analisando a atividade de chapas em espaços urbanos e rurais, buscando compreender o modo como estão inseridos na realidade econômica do Estado de São Paulo e nacional, Mesgravis (2003) explica que seu trabalho pode ser executado “sozinho ou em grupo, conforme o tamanho da carga, e ele recebe pela tarefa, a ser negociada no momento que o caminhoneiro requisita o serviço”.

2. O escrever na/da língua e na/da *alíngua*

Embora mencionar o real da língua em Pêcheux evoque seu (des)alinhamento a Milner de *O Amor da Língua* (1978), essa ambigüidade se desvela quando se restabelece a seqüência cronológica de suas últimas publicações, contemplando reflexões provisórias e revisões conceituais, inclusive por meio de anexos e apresentações em congresso. O restabelecimento de cronologia demandado pelo estudo em relato dizem respeito ao (des)alinhamento em *A Língua Inatingível*, de 1981 – título escolhido por Orlandi para a sua tradução brasileira –, ceder lugar ao alinhamento em *Estrutura e Acontecimento*, de 1983, sem que antes tenha passado por *Só há causa daquilo que falha ou o inverno político-francês: início de uma retificação*, anexo cuja inclusão, na edição inglesa de *Les Verités de Palice* de 1982, foi solicitado por Pêcheux. Nesse anexo, relata sua experiência, à qual qualifica como “estranhamente familiar” do real da língua no seu próprio percurso de construção teórica da Análise do Discurso.

Refaçamos esse trajeto. Se, em 1981, para Milner, havia só real da língua, para Pêcheux, havia também o real da história. Em 1983, embora continuasse a advogar a existência do real da história, Pêcheux reconhece não se poder desconsiderar a existência de um real próprio da língua, da ordem do inominável, do inconsciente. Daí se falar em um (des)alinhamento deste em relação àquele. Já em 1982 (p.303), no mencionado anexo à edição inglesa, entretanto, sinalizara que cedera às evidências do real da língua, ao ter afirmado: “parece-me, hoje, que *Las Verités de La Palice* roçaram essa questão de uma maneira estranhamente abortada, pelo viés de um sintoma recorrente que soava de maneira oca: estou querendo designar o prazer sistemático, compulsivo (e incompreensível para mim) que eu tinha em introduzir a maior quantidade possível de chistes”.

O silêncio sobre esse real da ordem da leitura milneriana de Lacan se denuncia no título *Só há causa daquilo que falha*, frase, na verdade não de Pêcheux, mas autoral de Lacan (1964), quando do seu resgate do termo *tiquê* das pesquisas da causa por Aristóteles. Lacan confere-lhe o estatuto de “encontro com o real” e a dimensão além do *autômaton*, que diz respeito à volta, à insistência dos signos que nos comandam, no sentido de que o real vige o *autômaton*. Esses dois termos permitiram-lhe enunciar o centro catalisador da clínica lacaniana de que há um real que se repete, mas escapa. Instaura-se, aí, a ambigüidade: repete-se um velho que também é um novo; repete-se, portanto, o que está por trás da repetição: repete-se o real. Daí as duas formas de repetição: a repetição repetitiva e a

repetição restitutiva. Aquela é da ordem da *tique*, do real, e, como tal, do encontro dominado pelo acaso, imprevisível, contingente, o que não cessa de não se escrever; esta, da ordem do “automaton” e, como tal, simbólica, o que não cessa de se escrever.

Em estudos ulteriores, concedendo estatuto privilegiado à escrita, Lacan (1969) descobre a escritura na palavra, mais especificamente, o “gramma” – a letra – pelo qual se materializa um sistema fonético, usando-se, à época, caracteres de chumbo. Os tipos prensados presentificam a letra, a estrutura essencialmente localizada no significante despojado de qualquer valor de significação. Não sendo o significante e o significado verso e reverso, há mais significância, e, havendo mais significância, o significante funciona como letra, como tal, separado de seu valor de significação. Esse mais-de-significante é o que se pode chamar de efeito poético (MILLER, 1996, p. 98), encontrados em poemas de Mallarmé, em Michel Leiris, no conto “A Regra do Jogo” em que narra a experiência da infância e recorda ter proferido o termo flismente (em lugar de felizmente) que constitui a única palavra passível de descrever o seu, apenas seu sentimento, o que confere a esse termo o estatuto de *lalangue* – uma operação leirissiana, lendo-se em uma única palavra o artigo e o substantivo – o que faz da linguagem, por meio da escrita, integralmente sujeita ao equívoco. A *lalangue* é, “em toda língua, o registro que a consagra ao equívoco” (MILNER, 1987, p. 15).

3. Análise de corpus

Aparentemente mais frequentemente encontrados ao longo da Rodovia Presidente Dutra que liga as duas capitais São Paulo e Rio de Janeiro, os “chapas” são reconhecíveis por, em períodos de inverno, fazerem pequenas fogueiras nas laterais da auto-estrada e fincarem uma madeira com uma placa de improvisada de papelão no qual se vê inscrita a expressão “chapa aqui”. É precisamente esse o cenário em que se encontrava Zé Trução (alusão ao *truck*, terceiro eixo de caminhões, usado para cargas mais pesadas), exceto pela diferença em relação a outros chapas de que sempre estava a redigir. Tendo recebido sua ajuda, por ocasião de um incidente de pneu furado, na entrada de São José dos Campos, acabamos por conversar sobre escrita, meu foco de interesse, há cerca de vinte anos e eis que acabei por ser presentada por alguns de seus textos (três dos quais dispunha naquele momento), quando lhe respondi à pergunta sobre meu trabalho. Chamou-me a atenção a sua reiteração da menção à estrada e à sua vida, nos três textos, dos quais se transcreve um para efeito de análise:

Página da vida do Zé Trução São José dia 1 de junho

Eu conheço cada palmo deste chão. É só me mostrar qual é a direção. Quantas idas e vindas, meu Deus, quantas voltas. Viajar é preciso, é preciso. Com a carroceria sobre as costas. Vou fazendo frete, cortando o estradão. Eu conheço as minhas liberdades. Pois a vida não me cobra o frete. Por onde eu passei deixei saudades. A poeira é minha vitamina. Sou irmão de estrada e acho muito bom [trecho da letra da música Frete composta e letrada por Renato Teixeira, nascido e residente no Vale do Paraíba do Sul, por onde passa a Rodovia presidente Dutra copiado em letras de forma].

Eu gosto da musica Frete. É o meu hino nacional até copieei as parte que gosto do CD do minino [referindo-se ao filho]. Minha profissão não é mole não mas não dou certo na cidade não não que eu dê certo na roça também não gosto. Minha sina é esse estradão esse mundão senfim é desenrola corda enrola ela. Não se porque viajo mas depois que dei pra fugi de apanha da primera veis a estrada me salva me salvô das corda de meu pai. Caí na estrada. Eu não era nada prele memo também para que que ia querê um oitavo filho. A semana tem sete dia oitavo não existe. Vai ver que é por isso que meu nome é Oitavio. Depois que virei Zé Trucão até esquesso meu nome. Ele batia ni nois ca corda até nas minina. Tomara que o carreto que eu pega demore mais dia, porque é chato a viagem curta. O rodoviária falô que o caminhonero falo que é pro norte. Da outra veis o Airto foi comigo mas ogi ele num ta qui ele é irmão pra mim. Só irmão da estrada e acho bão igual a musica do Renato [repetindo passagem da letra da música].

Como se pode perceber nesse texto de Zé Trucão, aparentemente, ele copiara a letra da música “Frete” de Renato Teixeira e passou a escrever o que chama de “página da vida” (não se podendo saber se em alusão a uma novela de televisão cujo título lhe era homônimo); os outros dois textos também traziam esse “título”, o que leva à pressuposição de que todos os textos constituem “páginas da vida” de Trucão.

Fica perceptível o sentido de acolhimento que estrada lhe proporciona: seu apelido se relaciona a estrada, uma vez que caminhões com *truck* só percorrem estradas; ele se reconhece *não dar para a vida na cidade, nem dar para a vida na roça; a estrada é sua sina, a estrada o salvou da surra com corda; a estrada é sua irmã*. Em tempos de roubos de cargas e homicídios decorrentes desses roubos, as “páginas da vida” de Trucão não lhes fazem menção. Aliás as outras duas páginas da vida também não lhes fazem menção. A estrada não é tomada como o espaço público, como o espaço do perigo, mas como o espaço privado.

Trucão parece reproduzir a sina de Kerouac, pondo-se na estrada compulsivamente. Não carrega a culpa por ter sobrevivido ao irmão como o beatnik, mas a insignificância de oitavo filho, para quem não havia lugar. Essa insignificância leva-o a pronunciar o próprio nome como Oitavio. Nada mais leirissiano. Eis a *alíngua*, causa do que falha na vida de Oitavio, na medida em que repete aquilo que está para além do princípio do prazer. Apesar de mencionar o filho, quando se refere ao CD do qual copiara a letra da música, não percebe que repete a insignificância que atribui ao filho como seu pai o fizera consigo, uma vez que se põe a viagens longas.

Considerações finais

Análise empreendida leva à conclusão de que escrevendo a respeito de sua compulsão por viajar, repetindo a cena que o faz sofrer, é interpelado pela *alíngua* ao nomear-se de Oitavio, sem se dar conta do equívoco que comete. Repete, na verdade, o real, o inatingível que está por trás do que repete.

Referências Bibliográficas

- BUIN, Yves. **Kerouac**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2007
- BURROUGHS, William S.; KEROUAC, Jack; PÉLIEU, Claude. **Jack Kerouac**, L'Herne, 1971
- FELTRIN, Aline. Chapa: proteção ou armadilha <http://www.autotraco.com.br>, 2008
- KEROUAC, Jack. "About the Beat Generation," (1957), published as "Aftermath: The Philosophy of the Beat Generation" in *Esquire*, Março de 1958
- LACAN, Jacques. **Os Escritos**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1969
- MEZGRAVIS, Pedro . Os Chapas: Uma Categoria de Trabalho Volante no Contexto Urbano e no Contexto Rural. In: Anais do Encontro Transdisciplinar Espaço e População. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2003.
- MILLER, Jacques-Alain. O Escrito na palavra. In. **Opção Lacaniana** 16, 1996
- MILNER, Jean-Claude. **O Amor da Língua**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987
- PÊCHEUX, M. (1975) Só há causa daquilo que falha ou o inverno político-francês: início de uma retificação. Anexo incluso em 1982. In. Gadet, F. e Hak, T. (org.) **Semântica e Discurso**, Campinas: Editora da Unicamp, 1988.
- (1983) **Estrutura ou Acontecimento**. Traduzido por Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 1990.
- GADET, F. e PÊCHEUX, M. (1981) **A Língua Inatingível, o discurso na história da Lingüística**. Campinas: Editora Pontes, 2004..